

MIRADAS 07 (2023)

Edição monográfica: Teoria Decolonial, Transculturação, Posições Latino-Americanas – Entrelaçando Histórias da Arte

eISSN: 2363-8087

<https://journals.ub.uni-heidelberg.de/index.php/miradas>

Editado por: Miriam Oesterreich; Franziska Koch;
Institut für Europäische Kunstgeschichte, Universität Heidelberg

Hosted by: University Library Heidelberg

RESUMO Modernidade devorada: olhando o Antropoceno a partir da proposta Antropofágica de Oswald de Andrade

Data de receção: 03.05.2022

Data de aceitação: 22.03.2023

DOI: doi.org/10.11588/mira.2023.1.96491

Licença: CC BY NC ND

Autorx: Roberto Robalinho, investigador de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense, Brasil

Contacto: roberto.robalinho-lima@philosophie.uni-tuebingen.de

Citação sugerida:

Robalinho, Roberto. “RESUMO Modernidade devorada: olhando o Antropoceno a partir da proposta Antropofágica de Oswald de Andrade.” Número monográfico *Teoría decolonial, transculturación, posiciones Latino-Americanas – Entretejiendo historias del arte*, editado por Miriam Oesterreich y Franziska Koch. *MIRADAS – Revista de Historia del Arte y la Cultura de las Américas y la Península Ibérica* 7 (2023): 111-121, doi.org/10.11588/mira.2023.1.96491.

RESUMO Modernidade devorada: olhando o Antropoceno a partir da proposta Antropofágica de Oswald de Andrade

*Roberto Robalinho**

Abstract

Algumas imagens produzidas pela natureza, em consequência de desastres ecológicos e da crise climática, desafiam nosso paradigma clássico da representação baseado na separação entre natureza e cultura. Ao mesmo tempo, essas imagens contemporâneas, evocam a complexa temporalidade de um futuro apocalíptico que chega antes do esperado e de um passado colonial que nunca deixa de consumir violentamente os recursos naturais. Este artigo propõe revisitar o Manifesto Antropófago brasileiro de 1928, que segundo Boaventura Souza Santos seria uma das epistemologias fundadoras da América Latina, como uma proposta estética, filosófica e pragmática capaz de fornecer ferramentas para lidar com nossa crise atual e com as imagens desafiadoras do Antropoceno. Como um passado canibalístico (indígena) pode estabelecer as bases para a invenção criativa e a arte anticolonial? Como esse uso transcultural da filosofia indígena pode nos ajudar a encontrar ferramentas não apenas para enquadrar essas imagens do Antropoceno, mas acima de tudo, oferecer possibilidades de sobreviver ao “fim do mundo”?

Palavras-chave: Manifesto Antropófago • antropoceno • epistemologia indígena • canibalismo cultural • mudança climática

* Roberto Robalinho é investigador de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense, no Brasil. Esta investigação foi financiada por um projecto de cooperação internacional entre o PPGCOM UFF e a Universidade de Tübingen, PROBRAL/CAPES - “Territórios Desconfortáveis: imagens, narrativas e objetos do Sul Global”.

Em 2019, durante a época da seca, ocorreram incêndios florestais de grandes proporções na floresta Amazônica. Desde 2010 não se registravam incêndios com tamanha intensidade. O fogo não se restringia aos limites da floresta, mas também se espalhava na multiplicidade de imagens que circulavam na mídia e nas redes sociais. De nossas casas, podíamos ver a floresta queimar. Alguns temas se repetiam como as nuvens pretas cobrindo a paisagem, os esqueletos de árvores queimadas e a fuga dos bichos. Estas imagens produziam uma temporalidade paradoxal: de um lado a aceleração em direção a um futuro apocalíptico que chega antes do previsto, de outro, um longo processo de violência colonial que não nos abandona. Pode-se dizer que o passado e o futuro colidem de forma dramática no presente.

Estas imagens são sintomáticas de um passado colonial violento e indesejado que nos assombra. Através de uma relação complexa, entre a materialidade física da destruição e a circulação e produção destas imagens, produz-se um fantasma colonial nos restos queimados da floresta e dos bichos, produz-se uma corporalidade da natureza. Esta rede imagética, tecida por diferentes atores sociais, humanos e não humanos, revela, não apenas a violência sintomática da destruição, mas um corpo visível da natureza que passa por um processo de subjetivação.

A proposta deste artigo é produzir uma reflexão sobre estas imagens ao colocá-las em relação com o *Manifesto Antropófago* escrito em 1928 por Oswald de Andrade. O que acontece quando olhamos para estas imagens a partir do *Manifesto*? Nossa intenção é pensar o *Manifesto* não apenas como uma metáfora irônica e anticolonial, mas sobretudo como uma proposta cosmopolítica, uma nova forma de ver o mundo contra uma epistemologia moderna Europeia. Seguindo as pistas de Boaventura de Souza Santos (2019, 541), entendemos o *Manifesto* como um dos primeiros pensamentos anti-hegemônicos e contra-modernos de uma epistemologia do Sul, em especial na sua proposta de alteridade radical, na qual a identidade é um processo contínuo de transformação a partir da devoração do outro.

Em um certo sentido, as imagens do incêndio na Amazônia, ao contestar uma mirada colonial, contestam os conceitos de *unidade* e *pureza*, caros a um regime visual baseado na separação, classificação e comodificação da natureza e dos corpos. Nestas imagens, a natureza não é um objeto a ser capturado, mas um sujeito que sofre visível através dos corpos e dos seus restos que sobrevivem ao incêndio. O que estas imagens nos dizem em relação a um regime estético mais amplo conectado à crise ecológica contemporânea, nomeado por alguns cientistas de “Antropoceno”? Como o *Manifesto* poético de Oswald de Andrade, baseado em um pensamento indígena e uma epistemologia antimoderna, pode auxiliar em uma reflexão sobre estas imagens e nosso tempo de urgência?

Oswald publica o *Manifesto Antropófago* na *Revista de Antropofagia* editada por ele e o poeta Raul Bopp em 1928, e de certa forma, o manifesto é considerado um dos gestos mais radicais do modernismo brasileiro, ou pelo menos um ponto de virada. É importante ressaltar a contribuição de Tarsila do Amaral na construção da proposição estética não só do *Manifesto*, mas da experiência estética de Oswald a partir da parceria entre os dois artistas

que se inicia em 1922 e dura até 1929. Os quadros pintados por Tarsila podem ser vistos como sínteses visuais das ideias expostas, tanto no *Manifesto da Poesia Pau Brasil* (1924), como no *Manifesto Antropofágico*. O próprio quadro *Abaporu* (1928) é considerado o ponto de partida para escrita do *Manifesto Antropófago* por Oswald. É possível traçar uma clara trajetória, como propõe Luis Pérez-Oramas (2018, 96), entre as pinturas *A Negra* (1923) e *Antropofagia* (1929). Em *A Negra*, há a antecipação dos elementos visuais que irão compor o *Abaporu* (1928), já em *Antropofagia*, *A Negra* se mescla ao *Abaporu*, como resultado de um canibalismo criativo. Entre um quadro e outro, há o abandono de vez do projeto nacional representado pela fase *Pau Brasil* para o gesto político mais radical da antropofagia.

Faz-se necessário, compreender como uma tradição crítica, representada por Antônio Cândido e Roberto Schwarz, localiza a obra de Oswald dentro de um contexto ampliado do modernismo brasileiro. Uma das críticas, diz respeito de como a obra de Oswald está aquém de seu projeto político e estético, outra, aponta as contradições da sua trajetória de vida em relação ao seu projeto político. Outro fator importante é o apagamento inicial da proposta antropofágica de uma historiografia oficial do modernismo, tal qual proposta por Mario de Andrade no seu ensaio célebre – *O Movimento Modernista* (1942). É apenas a partir da sua recuperação pela poesia concreta paulista através de Augusto de Campos e Décio Pignatari nos anos 1950, como sua posterior apropriação pelo grupo neoconcreto, que tinha Hélio Oiticica e Lygia Clark como expoentes, que o *Manifesto* se torna uma contribuição inegável para produção cultural brasileira. *A antropofagia*, e a ideia de devorar e se misturar influências externas para produzir algo novo, se torna um paradigma da produção cultural brasileira e está presente em movimentos estéticos distintos como o Tropicalismo e o Manguê Beat.

No entanto, nosso interesse, não é pensar a partir da herança cultural do *Manifesto*, mas justamente a partir da sua proposta poética e filosófica. De imediato, dois pontos da proposta antropofágica são fundamentais para pensar nosso estado de emergência. Primeiro, é a ideia de um futuro utópico inspirado em uma temporalidade pré-colonial idealizada, e segundo, a forma como essa episteme indígena é utilizada como uma força anticolonial, trabalhando contra uma tradição filosófica moderna (europeia).

Podemos argumentar o quanto os incêndios na Amazônia em 2019 se vinculam a uma longa trajetória colonial de práticas sócio econômicas extrativistas e destrutivas da floresta. Um dos termos conexos ao Antropoceno é o de Plantationocene, uma vez que não apenas nomeia uma era geológica, mas localiza os agentes históricos e sociais responsáveis pelo modelo econômico que resultou na atual crise climática (Haraway *et al.* 2016, 557). O teórico da cultural visual Nicholas Mirzoeff (2011, 8), define a plantation como o primeiro regime visual que serve ao poder colonial com o objetivo de organizar e subjugar tanto a natureza como os corpos racializados, a base da economia colonial. A organização deste regime visual está imbricada às formas modernas de ver. Mirzoeff argumenta que há dois lados neste regime visual, um constituído pelas tecnologias visuais relacionadas ao controle do território e das populações como a cartografia, a antropometria e a botânica; e outro, constituído por um regime estético sensível que sustenta as divisões sócio econômicas racializadas e hierárqui-

cas. Este regime sensível se apoia em diversas produções midiáticas como, a literatura, a gravura, os jornais, as pinturas, mas também pela arquitetura da Casa Grande. Combater o regime colonial e a plantation significa também combater a visualidade que a sustenta através de uma contra-visualidade capaz de desorganizar o regime estético vigente, propondo, ao mesmo tempo, outros arranjos sensíveis.

No caso dos incêndios da Amazônia, a mídia desempenha um papel importante ao contestar uma narrativa oficial, hegemônica, que nega a destruição da floresta. No entanto, um arranjo sensível não se dá necessariamente a partir de uma contra narrativa midiática, mas na corporalidade presente nas imagens reivindicando uma agência e subjetividade da natureza. Ativistas indígenas no Brasil, como Davi Kopenawa (Kopenawa and Albert, 2013), insistem que a preservação das florestas passa pelo homem branco ser capaz de ver os invisíveis da floresta, dos seres e espíritos que habitam os bichos, as plantas e os minerais. Ver, aquilo que uma mirada moderna trabalhou para esconder, é uma forma de produzir uma contra-visualidade.

Na tese *A crise da civilização messiânica* (1978), Oswald, como Kopenawa, também destaca a importância de ver o mundo de outra forma, afinal, importa o que é visto e quem vê, já que o ato de ver define não apenas quem olha, mas, o mundo visto. A metafísica proposta por Oswald, aponta para um mundo em transformação pelo gesto antropofágico. Ver os invisíveis da floresta ou através das lentes antropofágicas de Oswald, é compreender a natureza transformativa do mundo, distinta da monocultura estática da plantation.

Pouco tempo depois dos incêndios na Amazônia, foi a vez da Austrália pegar fogo no verão de 2019/2020, no que ficou conhecido como o *Black Summer*. Como na Amazônia, a intensidade dos incêndios foi inédita e a impressão era de que um tempo de catástrofe chegava antes do esperado. Após os incêndios, o repórter fotográfico Gavin Butler, em reportagem para a revista *Vice* em 2020, percorria a paisagem devastada de New South Wales até que uma marca no chão lhe chamou a atenção, contornos brancos como um raio-x impressos no chão, marcavam o lugar onde antes existiam árvores. Estas marcas eram chamadas por locais de *Tree Ghosts* (fantasmas das árvores) e foram causadas pelas temperaturas extremas das chamas. Era como se, após os incêndios, os homens brancos conseguissem ver a evidência dos espíritos que as populações indígenas dizem habitar a natureza. As marcas, mediadas pela câmera, revelam o corpo ausente da árvore que continha, o agora, exposto fantasma. Os fantasmas das árvores são a imagem, impressa na natureza, do que sobrevive o fim do mundo. Ou, pensando nos termos de Walter Benjamin, são o relampejo, o corpo intermitente – simultaneamente presente e ausente – que configura uma constelação. Ao mesmo tempo, a evidência física da destruição e da projeção de um futuro apocalíptico, mas também da ancestralidade espiritual das árvores que ainda resiste no presente.

Oswald, no seu *Manifesto Antropofágico*, também propõe uma sobreposição de tempos, no qual uma temporalidade pré-colonial idealizada colide com um futuro utópico que surgiria da emergência de uma filosofia poética indígena. Vale pensar o que realmente significa trazer

para o presente os extintos povos Tupinambás, ainda mais, quando essa re-emergência difere das fontes disponíveis na época, como os ensaios de Montaigne, os relatos de Hans Staden e a iconografia canibal de artistas como de Bry. O Tupinambá de Oswald, é uma imagem e um imaginário reimaginado, operando como o *Angelus Novus* Benjaminiano. Como um corpo que relampeja no presente sobre suas próprias ruínas, ao mesmo tempo que aponta para o futuro. Parafrazeando o historiador das ruas Luiz Antônio Simas, “O Tupinambá de Oswald matou um pássaro ontem com a flecha que atirou hoje”. Em sintonia com a interpretação de Negri sobre o *Angelus Novus*, podemos dizer que o Tupinambá de Oswald “não é uma teologia do passado, mas uma ontologia do presente” (Negri 2017, 42). Uma ontologia que clama por outras ontologias massacradas pelo colonialismo, como são os fantasmas das árvores na Austrália.

É importante pensar o *Manifesto* de Oswald para além da sua metáfora irônica, no sentido de como atualiza práticas Tupinambás como formas de ação contra-hegemônica e base de uma civilização porvir. Ser Tupinambá (*Tupi or not Tupi*) para Oswald é, primeiro, constituir um sujeito antimoderno, voltado para uma alteridade radical na qual a identidade está sempre em transformação e em relação com outros seres humanos e não humanos. Segundo, é estabelecer uma outra relação com a terra, não mais como um objeto de posse e extração de riquezas, mas de constituição do ser e de seu lugar no mundo.

Nos acostumamos a pensar a antropofagia como paradigma de uma produção cultural e artística brasileira calcada na mistura de influências estrangeiras com práticas locais. Mas, e se olharmos a proposta Oslwadiana como uma episteme anticolonial e forma de sobreviver o fim do mundo? De certa forma, Oswald estava pensando prospectivamente uma rota de fuga para nossa realidade colonial e propôs o pensamento indígena como um futuro. O que ele não conseguiu imaginar no seu tempo, é como seu futuro, feito de um passado Tupinambá imaginado, poderia também ser um futuro possível para o nosso presente.



Fig. 5. Tarsila do Amaral. Antropofagia, 1929, óleo sobre tela, 49 5/8 x 55 15/16 pol. (126 x 142 cm). Collection of the José e Paulina Nemirovsky Foundation, emprestado para Pinacoteca do Estado de São Paulo. Catálogo *Tarsila do Amaral: Projeto Cultural Artistas do Mercosul*, Fundação Finambrás, 1998, 133.



Fig. 6. Fotografia das consequências dos incêndios na Amazônia. Fotografia de Araquém Alcantara, parte do ensaio "A ferro e fogo", Brasil, agosto de 2019. Direitos autorais de Araquém Alcantara. <https://midianinja.org/araquem-alcantara/a-ferro-e-fogo/>.



Fig. 7. Fotografia de "fantasmas de árvores" no sul de New South Wales. Fotografia de Gavin Butler, Austrália, janeiro de 2020. Direitos autorais da Vice Magazine. <https://www.vice.com/en/article/pkepdn/tree-ghosts-remain-burnt-out-australia-bushfires>

Bibliografia

Agamben, Giorgio. *O que é um dispositivo? E outros ensaios*. Traduzido por Vinícius Nicastro Honesko. São Paulo: Autêntica Editora, 2009.

Aguilar, Luis E. “Cuba, c. 1860 – 1934.” Em *História da América Latina*, vol. 6, organizado por Leslie Bethel. São Paulo: EDUSP, 1998.

Andrade, Oswald. *Obras completas vol. 6 – do Pau-Brasil à Antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

———. “Manifesto da Poesia Pau-Brasil.” Traduzido por Stella M. de Sá Rego. *Revista de Literatura Latino-Americana* 14, no. 27 (janeiro-junho 1986):184-187.

Andrade, Mário. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Vila Rica Editoras, 1993.

Andrade, Mário. “O movimento modernista.” São Paulo, O Estado de São Paulo, 22 de fevereiro de 1942. <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19420222-22229-nac-0004-999-4-not/busca/Mario+Andrade>.

Barthes, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Traduzido por Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

Benjamin, Walter. *Passagens*. Traduzido por Cleonice Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Bopp, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil 1922-1928*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Burgess, Tahnee, James R Burgmann, Stephanie Hall, David Holmes e Elizabeth Turner. *Black Summer: Australian newspaper reporting on the nation’s worst bushfire season*. Monash University, Melbourne: Monash Climate Change Communication Research Hub, 2020.

Butler, Gavin. “‘Tree Ghosts’ Are All that Remain in Parts of Burnt Out Australia.” *Vice*, 15 de janeiro de 2022. <https://www.vice.com/en/article/pkepdn/tree-ghosts-remain-burnt-out-australia-bushfires>.

Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Vol 2*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

Chakrabarty, Dipesh. 2009. “The Climate of History: Four Theses.” *Critical Inquiry* 35, no. 2 (Inverno): 197–222. <https://doi.org/10.1086/596640>.

Damien, Carol. "Tarsila do Amaral: Art and Environmental Concerns of a Brazilian Modernist." *Woman's Art Journal*, 20, no. 1 (Primavera/Verão 1999): 3–7.

Danowski, Déborah e Eduardo Viveiros de Castro. *Há mundo por vir?: ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2015.

Deleuze, Gilles e Felix Guattari. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Traduzido por Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1987.

Haraway, Donna. *Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno*. Traducción de Helen Torres. Bilbao: Consonni, 2019.

Haraway, Donna, Noburo Ishikawa, Scott F. Gilbert, Kenneth Olwig, Anna Lowenhaupt Tsing e Nils Bubandt. "Anthropologists are Talking – About the Anthropocene." *Ethos* 81, no. 4 (2016): 535–564.

Jáuregui, Carlos. *Canibalia: canibalismo, calibanismo, antropofagia cultural y consume en América Latina*. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2008.

Kopenawa, Davi e Bruce Albert. *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*. Traduzido por Beatriz Perrone-Moisés e Marcela Coelho de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Krenak, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Lagnado, Lisette. *Cultural Anthropophagy: the 24th Bienal de São Paulo 1998*. London, Afterall Books, 2015.

Madureira, Luís. "Uma receita canibal para transformar um país de sobremesa em prato principal: antropofagia brasileira e o dilema do desenvolvimento." *Luso-Brazilian Review* 41, no. 2 (2005): 96-125.

Martí, José. *José Martí: antologia*. Organização e tradução Luiz Ricardo Leitão. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

Mirzoeff, Nicholas. *The Right to Look: A Counter History of Visuality*. Lisboa e Durham: Duke University Press, 2011.

Mondzain, Jean-Marie. *Uma imagem pode matar?* Traduzido por Suzana Mouzinho. Lisboa: Nova Veja, 2009.

Negri, Antonio. “O acontecimento levante.” Em *Levantes*, editado por Georges Didi-Huberman, tradução: Jorge Bastos, Edgard de Assis Carvalho, Mariza P. Bosco, Eric R. R. Heneault, 38-46. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

Nunes, Benedito. “Antropofagia ao alcance de todos.” Em *Obras completas vol. 6 – do Pau-Brasil à Antropofagia e às utopias*, editado por Oswald Anrade, xi–liii. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Ortiz, Renato. *A moderna tradição brasileira*. Campinas: Editora Brasiliense, 1995.

Pérez-Oramas, Luis. “Tarsila, Melancholic Cannibal.” Em *Tarsila do Amaral: inventing modern art in Brazil*, editado por Stephanie D’Alessandro e Luis Pérez-Oramas. New Haven e Lisboa: Yale University Press, 2018.

Peterson, David A., Michael D. Fromm, Richard H. D. McRae, James R. Campbell, Edward J. Hyer, Ghassan Taha, Christopher P. Camacho, George P. Kablick III, Chris C. Schmidt e Matthew D. DeLand. “Australia’s black summer pyrocumulonimbus super outbreak reveals potential for increasingly extreme stratospheric smoke events.” *npj Climate and Atmosphere Science* 4, no. 38 (2021). <https://doi.org/10.1038/s41612-021-00192-9>.

Santiago, Silviano. “Latin American Discourse: The Space In-Between.” Em *The Space In-Between: Essays on Latin American Culture*, editado por Ana Lúcia Gazzola e Ana Lúcia Gazzola, 25–38. Durham e Lisboa: Duke University Press, 2001.

Santos, Boaventura de Souza. “Esfera pública e epistemologias do Sul.” *Africa Development* XXXVII, no. 1 (2012): 43–67.

———. “Nuestra América: Reinventar Um Paradigma Subalterno de Reconhecimento e Redistribuição.” Em *Construindo as Epistemologias Do Sul Para Um Pensamento Alternativo de Alternativas*. Volume I, editado por Maria Paula Meneses, João Arriscado Nunes, Carlos Lema Añón, Antoni Aguiló Bonet e Nilma Lino Gomes, 541–72. CLACSO, 2019.

Schwartz, Jorge. “Tarsila e Oswald na preguiça sábia do sol.” Em *Catálogo da Exposição Tarsila do Amaral*. Madrid: Fundación Juan March, 2009.

Schwarz, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Segovia, Carlos A. “Tupi or not Tupi – that is the question: on semio-cannibalism, its variants, and their logics.” *Das Questões* 11, no. 1 (abril 2021): 45–70.

Simas, Luiz Antônio e Luiz Rufino. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

Sneed, Gillian. "Anita Malfatti e Tarsila do Amaral: gênero, brasilidade e a paisagem modernista." *Woman's Art Journal* 34, no. 1 (Primavera/Verão 2013.): 30–39.

Sterzi, Eduardo. "Antropofagia como máquina de guerra." *Revista Gráfiás* IX, 10 (dezembro 2021): 8–11.

Sterzi, Eduardo. "Dialética da devoração e devoração da dialética." Em *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*, 437-45. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

Torre, Bruna Della. "Modelos críticos: Antonio Candido e Roberto Schwarz leem Oswald de Andrade." *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, no. 74 (dezembro 2019): 178–196.